

EM BUSCA DA *ARETÉ*: A Rosa das Virtudes na formação militar naval*

MARCELO FELIPE DUARTE**
Professor

SUMÁRIO

Introdução
A importância da *areté* para a cultura clássica
A relação entre a ética e a educação
A emblemática Rosa das Virtudes
Conclusão

INTRODUÇÃO

A questão da virtude já ocupava o pensamento do homem grego desde tempos remotos. Platão, por meio de seus diálogos socráticos, debruçou-se sobre ela elegendo-a como mais importante do que a fama e a riqueza.

A respeito da relevância do tema, indubitavelmente, pode-se dizer que, tanto na

perspectiva da antiguidade quanto na contemporaneidade, o homem sempre buscou entender e vivenciar a virtude.

Não obstante, para a melhor compreensão do conceito atual de virtude ética, da expectativa do homem contemporâneo quanto a este conceito e de sua importância na formação do cidadão atual, em especial para a formação dos valores militares, torna-se premente recuperar o campo semântico do

* Artigo premiado em 3º lugar na categoria Oficiais e Civis Assemelhados do Concurso de Artigos Técnicos e Acadêmicos e de Redação das OM da área de Ensino da Marinha do Brasil e do Serviço de Seleção de Pessoal da Marinha (SSPM) de 2013.

** N.R.: O autor é professor de história do Colégio Naval (CN).

que os filósofos clássicos denominavam *areté*. Em outros termos, deve-se proceder à reconstrução do contexto histórico dos discursos platônico e aristotélico, e de suas relações e articulações com a sociedade grega da época.

A IMPORTÂNCIA DA *ARETÉ* PARA A CULTURA CLÁSSICA

Um dos maiores desafios quando se faz a tradução de uma língua é o de apreender os sentidos que determinadas palavras possuíam na época em que foram escritas. Isto porque, inevitavelmente, qualquer língua traz subjacente uma pesada carga histórica e simbólica. Este parece ser o caso da palavra *areté*, que, de acordo com Zingano, possuía para os gregos um campo semântico cuja aplicação seria mais ampla do que o contexto especificamente moral. Não por acaso, *areté* parece, em muitos casos, traduzido como excelência no “realizar bem as funções”. Nesse sentido, o ferreiro que trabalha bem e o cavalo que é veloz são considerados virtuosos e excelentes. Como se pode perceber, o termo grego em questão engendrava múltiplos significados, denotando qualidade, e também um sentido de “excelência moral” (ZINGANO, 2008, p.78).

Quanto à excelência moral, seria oportuno também considerar as origens da ética aristocrática no contexto histórico da Grécia antiga. Observa-se que os padrões éticos eram imutáveis, naturais e externos ao homem. Daí se depreende que tal universo denotava a ideia de uma profunda estrutura de segurança, fazendo com que Platão associasse virtude à tradição:

Muito antes de Platão, uma tradição bem difundida do pensamento ético grego asseverava que acordos e práticas éticos são baseados em padrões eternamente fixos na natureza das coisas. Com frequência (embora nem sempre), é isso que se quer

dizer com a afirmação de que os valores éticos existem “por natureza”: eles estão ali, independentes de nós e de nossos modos de vida. (...) Também queria dizer que nossa relação ética mais fundamental não é com entidades instáveis, tais como as pessoas e a cidade, mas com algo mais firme que qualquer um de nós (NUSSBAUM, 2009, p. 353).

Sabe-se que Platão estava inserido em um contexto histórico de embate com os sofistas, que se apresentavam como os “mestres da virtude”, pois tinham no ensino sua atividade intelectual mais importante. Esse ambiente de confronto levou o ilustre filósofo a uma relevante problematização: a virtude seria inata ao homem ou ela poderia ser ensinada? No diálogo *Menon*, a resposta platônica é negativa: a virtude não pode ser ensinada, uma vez que ela é inata, muito embora se encontre adormecida em cada pessoa. O papel do filósofo consiste em despertá-la pela prática da reminiscência, ou anamnese.

A questão da virtude em Platão, ensejada pela sua posição antagônica aos sofistas, serviu de base à futura teoria aristotélica acerca do mesmo tema. De acordo com Ross, para Aristóteles “a virtude constitui a raiz donde decola a ação conforme o bem, o prazer é o seu acompanhamento natural e a prosperidade a sua condição prévia normal” (ROSS, 1987).

Aristóteles divide a virtude em duas espécies (ARISTÓTELES, 1973, I, 13, 1103a 5 a 10): a virtude moral, cujo objeto principal refere-se aos atos da vida prática e desenvolve-se a partir de hábito, e a virtude intelectual, que necessita de tempo e experiência para se estruturar, tendo como objeto a contemplação e o saber. A virtude intelectual, como não poderia ser de outro modo, desenvolve-se por meio do ensino e, diferentemente dos sentidos inatos no ser humano, concretiza-se pelo exercício.

Interessante também lembrar que, para Aristóteles, a moderação seria o “fiel da balança” no que se refere ao exercício da virtude, pois tanto o excesso como a falta deveriam ser evitados por se constituírem em vícios. Dito de outro modo, será covarde o homem que teme tudo e todos (vício por deficiência ou ausência), mas será temerário o homem que, não temendo nada, parte de encontro ao perigo sem avaliá-lo (ARISTÓTELES, 1973, II, 2, 1104a 10 a 1104b 2). Como se pode observar, para ser corajoso, isto é, para praticar a virtude, há que se ter o equilíbrio necessário.

Percebe-se que, para Aristóteles, visão com a qual concordamos, as virtudes podem ser ensinadas, adquiridas e assimiladas pela prática educativa cotidiana e estabelecida, sobretudo, no espaço destinado exclusivamente a esse fim: a sala de aula. Será nesse espaço de construção tanto do saber quanto da ética que pode ser encontrado o ponto de confluência entre o pensamento clássico e a necessidade/desejo que os homens contemporâneos têm de ser virtuosos.

A RELAÇÃO ENTRE A ÉTICA E A EDUCAÇÃO

Muito embora ética e moral sejam termos utilizados, indiscriminadamente, como sinônimos, uma vez que ambos se referem “a um conjunto de regras de conduta consideradas como obrigatórias” (LA TAILLE, 2006, p. 25), existem diferenças significativas que devem ser consideradas.

A moral diz respeito a como se deve agir, enquanto que a ética se refere à pergunta “como posso viver uma vida que vale a pena ser vivida?” (Idem, p. 30).

A moral incorpora as regras determinadas pela própria sociedade, que devemos seguir. Desta forma, quem as segue é uma pessoa moral, e quem as desobedece torna-se imoral. A ética, por seu turno, é um ramo da filosofia que estuda as regras morais vigentes, podendo inclusive contestá-las, se assim for necessário.

Depreende-se que uma pessoa pode ser ética, mas ao mesmo tempo imoral, se compreender, mediante uma reflexão filosófica, que determinada regra moral é equivocada. Foi o caso da costureira negra Rosa Parks, que, em 1955, no Alabama, recusou-se a obedecer à regra de não sentar nos lugares reservados aos brancos nos ônibus da cidade de Montgomery. Por transgredir a regra legalmente imposta, foi presa e multada. O fato é que essa atitude “imoral”, pelo olhar racista de muitos brancos, desencadeou um movimento nacional de boicote, servindo inclusive de estopim para a luta

**Para ser corajoso, isto é,
para praticar a virtude,
há que se ter o equilíbrio
necessário**

pela igualdade por direitos civis protagonizada pelo carismático pastor Martin Luther King Jr. Nesse sentido, Chauí nos informa que “os valores morais modificam-se na História porque seu conteúdo é determinado por condições históricas” (CHAUÍ, 2002, p. 348).

Desta forma, se os valores morais se transformam no devir histórico, é somente pela educação que se pode construir uma reflexão ética a respeito destes valores. Foram os gregos que apresentaram a proposta de uma educação como um processo de construção consciente. A paideia (educação) grega não era simplesmente “uma soma de técnicas e organizações privadas, orientadas para a formação de uma individualidade perfeita e independente” (JAEGER, 1986, p. 12), mas antes uma ação educadora que

visava à coletividade na qual o homem poderia ter uma formação integral, e não um mero adestramento. A paideia tinha como objetivo inculcar nos homens gregos a *areté* de maneira que pudessem se sentir responsáveis e construtores dos valores de sua sociedade.

Verifica-se ao longo da história grega uma preocupação com a formação dos jovens, com o que lhes deveria ser ensinado para conseguirem alcançar a virtude. Desta forma, paideia e *areté* (educação e virtude) só poderiam ser pensadas numa relação de complementariedade, como também a sociedade e a cultura, que estariam presentes na formação ao mesmo tempo do homem e do cidadão grego. Observa-se que nesta relação existiam os ideais de perfeição e excelência que os gregos buscavam por meio da educação. Não era apenas a excelência do homem como indivíduo, mas também das cidades e das instituições. Dito de outro modo, para que um homem se tornasse virtuoso pela educação, deveria ser educado para a virtude, por pessoas que fossem virtuosas, para a prática de ações virtuosas, de modo que a sua cidade fosse também virtuosa.

Nos nossos dias, a relação entre educação e virtude volta à tona com toda a força, sobretudo porque a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) consagrou a escola como o local privilegiado tanto para a formação de cidadãos quanto de difusão dos valores que contemplem a cidadania e a ética. No entanto, para que a escola seja um espaço de inspiração e consolidação desses princípios éticos, é mister que ela também seja um lugar ético.

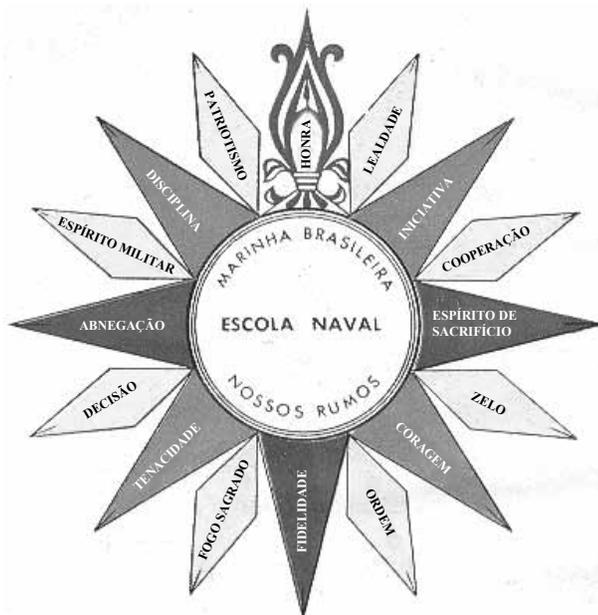
Isso nos leva de novo a Platão, que nos chama a atenção para o fato de que a paideia só seria implementada por aquele que tivesse passado por um longo processo de aprendizagem por meio do qual pudesse

eleva-se e chegar às verdades eternas e imutáveis. Só assim, livrando-se dos preconceitos e da aparência das coisas, poderia ensinar a virtude, contribuindo para a construção de um cidadão e de uma cidade melhores. Caberia uma pergunta agora: até que ponto os professores estariam dispostos, como os filósofos gregos da antiguidade, a se tornarem virtuosos, despidos de vaidade, do orgulho e de preconceitos, ao ponto de buscarem o conhecimento a respeito da própria virtude, ou estariam exercendo suas atividades rotineiramente, sem a devida reflexão sobre as ideias que propõem, tal como faziam os sofistas que ensinavam apenas porque recebiam para isso?

A sala de aula é um local marcado pela diversidade, onde se encontram pessoas de origens, histórias pessoais, costumes e crenças diferentes. E se, por um lado, essa diversidade é enriquecedora, por outro lado traz o desafio constante de harmonizar os conflitos resultantes das visões de mundo tão diferenciadas. Essa harmonia só será possível à medida que a educação possa ser uma ferramenta para a construção de princípios éticos.

A relação entre educação e ética torna-se então necessária e imperativa para a formação de princípios e valores que direcionarão o nosso modo de ser e de agir. O educador Paulo Freire, apontando para o fato de que toda a educação será necessariamente uma construção ética, assim se expressa:

Mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso nos fizemos seres éticos. [...] Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. [...] Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando (FREIRE, 2002, p. 36-37).



A EMBLEMÁTICA ROSA DAS VIRTUDES

No que tange aos valores militares, sobretudo àqueles inerentes à formação dos futuros oficiais da Marinha do Brasil, honrosamente conhecidos como “Sentinelas dos Mares”, essa relação entre educação e ética se concretiza na emblemática Rosa das Virtudes.

Formada por 16 princípios éticos (lealdade, iniciativa, cooperação, espírito de sacrifício, zelo, coragem, ordem, fidelidade, fogo sagrado, tenacidade, decisão, abnegação, espírito militar, disciplina, patriotismo e ordem), que são constantemente trabalhados na lida diária da Escola Naval, a Rosa das Virtudes pretende ser a forja na qual será formado o caráter que um militar da Marinha deve

possuir. Seu objetivo precípua consiste em nortear não somente a formação dos jovens oficiais, como também a conduta, a ação e a prática das rotinas marinheiras.

Dentre esses princípios norteadores, a honra ganha lugar de destaque ao coroar a Rosa das Virtudes. E não poderia ser de outro modo, pois sem ela os demais princípios não existiriam.

Se voltarmos nosso olhar para o passado, verificaremos que nos poemas homéricos (*Iliada* e *Odisseia*), a honra estava associada ao respeito que o herói ostentava diante de seus pares dentro de sua comunidade. Ela seria traduzida pelo código do guerreiro. O herói arriscava sua

única vida em função de encontrar um significado para a sua própria existência. Suas conquistas pessoais colocavam em evidência o seu nome, o nome de sua família e sua comunidade. A trajetória do herói já estava traçada antes de seu nascimento, pois, ao arriscar a sua vida em busca da glória,

Dos princípios norteadores, a honra ganha lugar de destaque ao coroar a Rosa das Virtudes. E não poderia ser de outro modo, pois sem ela os demais princípios não existiriam

acabava por encontrar a sua própria morte. A honra que o herói busca pode ser alcançada por meio das próprias qualidades imanentes a sua fisiologia, linhagem e, principalmente, ao seu caráter. Tais qualidades devem ser inerentes à sua excelência guerreira, que leva em consideração

valores intrínsecos e fundamentais, como a coragem, a força, a destreza, a competência militar, o desempenho físico no campo de batalha e uma boa estratégia capaz de encorajar os demais guerreiros.

Em nossos dias, a honra para um militar não será encontrada necessariamente na glória que alcançará com a morte, muito embora às vezes esta chegue sem pedir licença, em razão da natureza específica de suas atividades. O código de honra, concretizado na Rosa das Virtudes, constitui-se em um exercício silencioso e solitário que o militar deve se dispor a realizar diariamente em suas ações, condutas e práticas.

A honra anelada por qualquer militar é, na verdade, um processo de conquista que tem início no momento em que, ainda jovem, escolhe e abraça com orgulho sua carreira, até o momento em que precisará se despedir dela.

Ela se traduz no cultivo das tradições navais construídas por homens que viveram as mesmas agruras e alegrias pelas quais passará enquanto aluno e futuro oficial de Marinha; na disciplina que impõe a si próprio em detrimento, muitas vezes, de seu conforto

pessoal; no orgulho pela farda, uma espécie de “segunda pele”, que o acompanhará e o distinguirá onde estiver; no cavalheirismo e na polidez em suas ações, sem deixar de lado a austeridade e sobriedade em sua conduta; na honestidade de propósitos e na busca incessante pela verdade a qualquer preço; na fidelidade e confiança depositadas em seus superiores, reconhecendo neles a experiência que às vezes pode lhe faltar; na camaradagem com seus pares de farda, construída e amalgamada pelos anos de convivência cujo início remonta aos bancos escolares; no amor e na devoção à

Pátria, pela qual não hesitará em sacrificar sua própria vida; e, finalmente, na compreensão, por meio de uma honesta humildade, de que nunca será um bom militar se não for antes um bom homem.

CONCLUSÃO

Seria oportuno lembrar que a honra, em muitas situações, ultrapassa a barreira da pouca idade. É o caso, por exemplo, do Guarda-Marinha João Guilherme Greenhalgh, que entregou sua vida em sacrifício à Pátria, justamente por defender o pavilhão nacional. Morreu alguns dias depois de ter completado 20 anos de idade, em pleno combate naval contra as forças paraguaias.

Não por acaso foi alçado à condição de herói nacional, pois tanto a sua coragem e tenacidade foram testadas e aprovadas numa violenta refrega – não

podemos esquecer que a Batalha Naval do Riachuelo definiu o rumo da Guerra do Paraguai, favoravelmente, à Tríplice Aliança, e por isso tornou-se a maior referência para a Marinha do Brasil –, quanto também a sua honra permaneceu intacta quando colocada à prova no momento mais difícil de sua vida. Diante das circunstâncias desfavoráveis que acabaram por ceifar sua preciosa vida, não hesitou em cumprir a ordem direta de seu superior, o Almirante Francisco Manuel Barroso da Silva: “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”.

A honra, em muitas situações, ultrapassa a barreira da pouca idade. É o caso do Guarda-Marinha João Guilherme Greenhalgh, que entregou sua vida em sacrifício à Pátria, justamente por defender o pavilhão nacional

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<EDUCAÇÃO>; Formação de oficial; Preparo do homem; Ética; Honra;

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim, Coleção Os Pensadores, vol. IV, Ed. Abril Cultural, São Paulo, 1973.
- CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*: 12. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. 22. ed. Rio de Janeiro: 2002.
- JAEGER, Werner (1986). *Paideia*. São Paulo, Martins Fontes.
- LA TAILLE, Y. *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- NUSSBAUM, Martha. *A fragilidade da bondade: fortuna e ética na tragédia e na filosofia grega*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- ROSS, David. *Aristóteles*. Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1987.
- ZINGANO, Marco *Estudos de ética antiga*. São Paulo: Paulus, Discurso Editorial, 2009.